

RELATÓRIO DO PROJETO EDUCAÇÃO LGBTI

2016 - 2018



com apoio de





Relatório do Projeto Educação LGBTI (2016 - 2018)

Redigido por:

Alice Azevedo
Gustavo Borges Mariano
Joana Matos
Luís Martins
Rita Carmona

Infografia por:

Sarah Leão

Paginação por:

Nicolás Fabian

3



A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes. Criada em 2003, está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem e é uma organização membro da Direção do Conselho Nacional de Juventude e da IGLYO – International Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender and Queer Youth and Student Organization. As suas atividades tiveram o apoio financeiro do IPDJ - Instituto Português do Desporto e Juventude até ao ano de 2017, sendo que, subsequentemente, tem vindo contar com o apoio financeiro da CIG - Comissão da Cidadania e Igualdade de Género, bem como das quotas das pessoas associadas e de donativos pontuais.



AGRADECIMENTOS

4 Sendo a rede ex aequo uma associação sem fins lucrativos, o Projeto de Educação LGBTI nunca seria possível de se concretizar sem o apoio financeiro do IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude e da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade. Por isso, expressamos os nossos mais sinceros agradecimentos a estas duas entidades, e respetivos representantes, por tornaram este projeto possível.

Agradecemos a todas as pessoas que são e foram oradoras/es deste projeto e que despenderam o seu tempo e dedicação para se deslocarem às escolas e outros locais com o objetivo de realizar as sessões do Projeto de Educação LGBTI. É também graças a estas/es jovens que conseguimos recolher os dados que constam neste relatório, que, depois de recolherem os questionários de avaliação, os submetem manualmente numa base de dados interna.

Dirigimos, também, um especial agradecimento à equipa que coordena este projeto, pelo trabalho magnífico que tem realizado ao longo dos anos, originando um crescimento exponencial do projeto de ano para ano.

Um agradecimento final também à Beatriz Sousa, Diogo Sixx e Tavares pela ajuda prestada à realização e redação deste documento.

rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes

Rua dos Fanqueiros, 3ºEsq 1100-231 Lisboa.
96 878 18 41 geral@rea.pt www.rea.pt



ÍNDICE

6	4	6	7	8
	Agradecimentos	Índice	Figuras	Introdução
	10	12	15. Intolerância 17. Tolerância 21. Apoio a Mudanças Sociais 25. Assumir-se como LGBTI 31. Deixa um comentário sobre a sessão	
	Caracterização das alunas e alunos	Formulário a alunas e alunos		
	33	41	44	46
	Formulário a docentes	Conclusões	Glossário	Anexos

FIGURAS

Figura 1 – Distribuição do número de sessões do Projeto Educação LGBTI pelo território português ano letivo 2017/2018

Figura 2 - Distribuição dos participantes por idade. Número de respostas: 2034

Figura 3 - Distribuição dos participantes pelos Níveis de Ensino. Número de respostas: 2220

Figura 4 - Distribuição dos participantes por Género. Número de respostas: 2103

Figura 5 - Distribuição das respostas obtidas por distrito. Número de respostas: 2235

Figura 6 - Distribuição das respostas à pergunta “Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?”

Figura 7 - Distribuição das respostas à pergunta “Como reagirias se a/o tua/teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?”

Figura 8 – Barra de progresso quanto ao ganho de motivação para a luta contra a homofobia, bifobia e transfobia

Figura 9 - Distribuição das respostas à pergunta “A orientação sexual e identidade de género são temas abordados na tua família?”

Figura 10 - Distribuição das respostas à pergunta “Costumas assistir a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual ou identidade de género?”. Número total de respostas: 2249

Figura 11 – Ciclo dos 3 I’s

Figura 12 - Importância atribuída pelas/os alunas/os à abordagem de temas de orientações sexuais e identidades de género não convencionais nas escolas.

Figura 13 - Distribuição das respostas à pergunta “Estas questões são abordadas na escola?”. Número total de respostas: 2227

Figura 14 - Distribuição das respostas complementares. Número total de respostas: 517

Figura 15 – Respostas à questão: “A sessão do projeto educação LGBTI foi pedida decorrente de alguma situação em particular que tenha ocorrido na escola e que necessite de intervenção?”

Figura 16 - Distribuição das respostas à pergunta “Costuma assistir a situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género?”

Figura 17 – Autoavaliação quantitativa por parte dos docentes quanto à sua capacidade de reação a casos de bullying homo, bi e transfóbico. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Figura 18 – Autoavaliação quantitativa por parte dos docentes quanto à necessidade de receber formação específica em matérias de orientação sexual e identidade de género não convencionais. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Figura 19 - Frequência (quantitativa) da abordagem de temas de orientação sexual e identidade de género não convencionais por parte das professoras e professores. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Figura 20 – Distribuição da autoavaliação das professoras e professores à questão: Sente-se capacitada/o para falar sobre estas temáticas. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Figura 21 – Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de Orientação Sexual e identidade de Género. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.



INTRODUÇÃO

8

Conscientes da ocorrência de muitas situações de homofobia, bifobia e transfobia nas escolas em Portugal e que, por esse motivo, a escola ainda não é um espaço seguro para muitas/os jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo, ou percecionados como tal, a rede ex aequo decidiu lançar o Projeto Educação LGBT (PE) em 2005, que foi apoiado financeiramente pela Fundação Europeia da Juventude do Conselho da Europa. Nos anos de 2017 e 2018 foi a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), assim como o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), que financiaram o Projeto Educação LGBTI, sendo o presente relatório um requerimento do mesmo ato de financiamento.

É importante realçar que não só a juventude homossexual, bissexual, trans e intersexo vive uma realidade de homofobia, bifobia e transfobia nas suas vidas. Muitas outras pessoas sofrem na pele experiências homo, bi e transfóbicas, como resultado de estereótipos e preconceitos infundados, mas fomentados na sociedade em geral.

Através dos formulários disponibilizados em papel ou em suporte informático às alunas, alunos e docentes, a associação recolhe dados sobre o ambiente escolar e a aceitação e abertura a temas LGBTI, tanto na matéria lecionada em sala de aula, como nas interações entre pares. Os formulários visam também recolher testemunhos de situações de discriminação que tenham acontecido à própria pessoa ou a terceiros, quer no espaço escolar ou fora deste. Permitem, ainda, retirar conclusões sobre a capacidade que professoras e professores têm para abordar estes temas, e a sua competência em agir em situações discriminatórias relacionadas com orientação sexual, identidade e expressão de género.

Este relatório apresenta os resultados das 315 sessões realizadas no âmbito do Projeto Educação LGBTI entre janeiro de 2016 e dezembro de 2018, distribuídas por Portugal Continental e pela Região Autónoma da Madeira, que chegaram a mais de 10 000 jovens (Figura 1 - referente ao ano letivo 2017/2018). Destas, 2235 alunas e alunos com idades compreendidas entre os 10 e 22 anos preencheram o nosso formulário assim como 169 professoras e professores, sendo estes os dados que vão ser analisados.

Apesar dos números indicados anteriormente, estamos conscientes que a maioria das situações de discriminação não se encontra nas estatísticas aqui apresentadas, visto que apenas se conseguiram realizar sessões do Projeto Educação LGBTI na Madeira e em 9 dos 18 distritos de Portugal Continental, sendo que apenas 3 desses distritos se encontram no Interior e/ou são distritos pouco urbanizados.

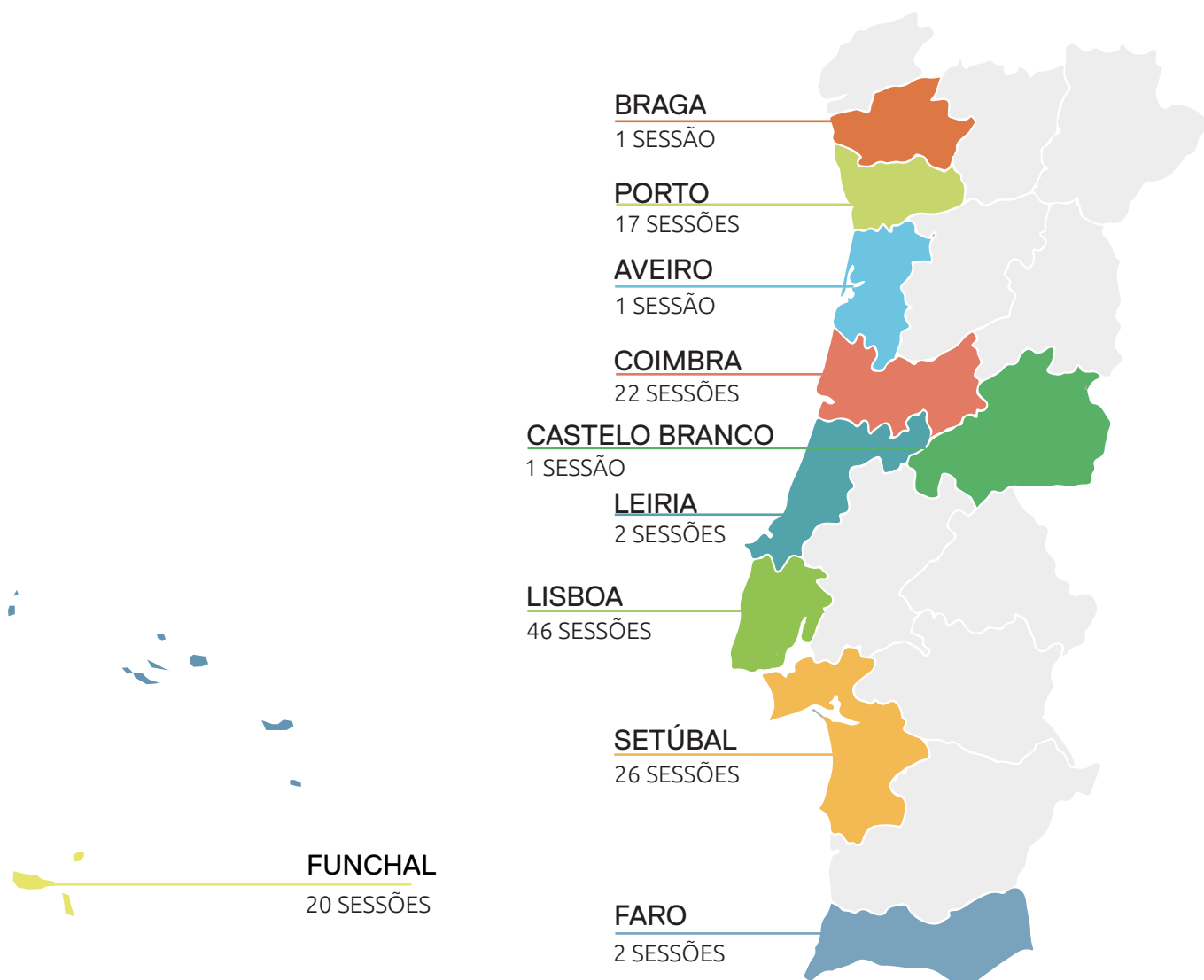


Figura 1 – Distribuição do número de sessões do Projeto Educação LGBTI pelo território português - ano letivo 2017/2018

Total de sessões 138

Este relatório permite-nos quantificar episódios de discriminação ocorridos em ambiente escolar no nosso país, sendo por isso uma ferramenta única e muito útil para que se tomem medidas inclusivas e preventivas de más condutas, promovendo um futuro cheio de jovens, jovens-adultos e adultos possuidores de valores de igualdade, cidadania e respeito pela diversidade e pelos outros.

A participação no preenchimento de cada formulário foi realizada única e exclusivamente por vontade própria de cada jovem ou adulto. A rede ex aequo apenas permite um registo detalhado e anónimo por cada ocorrência. Após a realização deste relatório observou-se pontos de melhoria nos formulários, sendo que, estas melhorias serão realizadas num futuro próximo.

Visto que estes temas são transversais a toda a sociedade, não é apenas nas escolas que existem sessões do Projeto de Educação LGBTI, apesar de serem os locais com maior afluência. Outras associações, estabelecimentos de ensino superior e até empresas são espaços onde a associação também está presente, mas onde os formulários referidos anteriormente não se enquadram, não estando, por isso, refletidos no presente relatório.

rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes



CARACTERIZAÇÃO DAS ALUNAS E ALUNOS

10

Nos gráficos ao lado podemos observar, em valores percentuais, a distribuição por idade e níveis de ensino das alunas e alunos que preencheram o formulário do Projeto Educação LGBTI de 2016 a 2018, inclusive. Verificamos que na amostra há uma grande concentração de participantes entre os 16 e os 18 anos de idade (65,04%) (Figura 2).

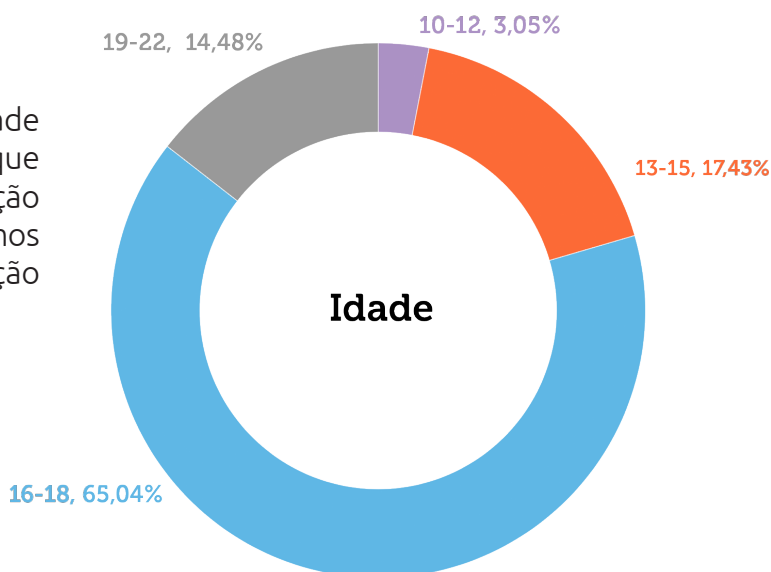


Figura 2 - Distribuição dos participantes por idade.
Número de respostas: 2034

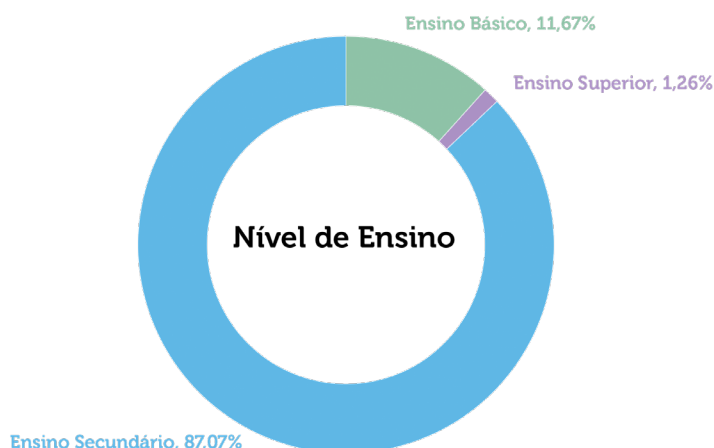


Figura 3 - Distribuição dos participantes pelos Níveis de Ensino.
Número de respostas: 2220

As sessões são sempre realizadas a pedido dos professores, das escolas, das associações de estudantes ou dos próprios estudantes (sempre com o aval de um professor, psicólogo ou membro da direção da escola). Dado isto, a maioria das sessões do Projeto Educação LGBTI são ministradas ao ensino secundário, tendo em conta que a adolescência é normalmente considerada o período de autodescoberta e de dúvidas de identidade, aumentando a relevância do tópico. O formulário de avaliação que entregamos no final das sessões às alunas e alunos está dirigido a um contexto de escolaridade obrigatória, não fazendo tanto sentido junto do público universitário. Daí que se verifique uma menor quantidade de formulários preenchidos no ensino superior.

No gráfico ao lado podemos observar, em valores percentuais, a distribuição dos participantes por género. São registadas ligeiramente mais respostas vindas de participantes que se identificam com o género feminino (55,06%) do que masculino (44,84%), e um número muito reduzido de respostas de participantes que se identificam com outro género (0,10%) (Figura 4). É importante referir que apesar de apenas 0,10% se identificar com outro género, este valor não representa uma percentagem do número de pessoas trans que preenchem o formulário, visto que as pessoas trans também se podem identificar com o género masculino ou feminino.

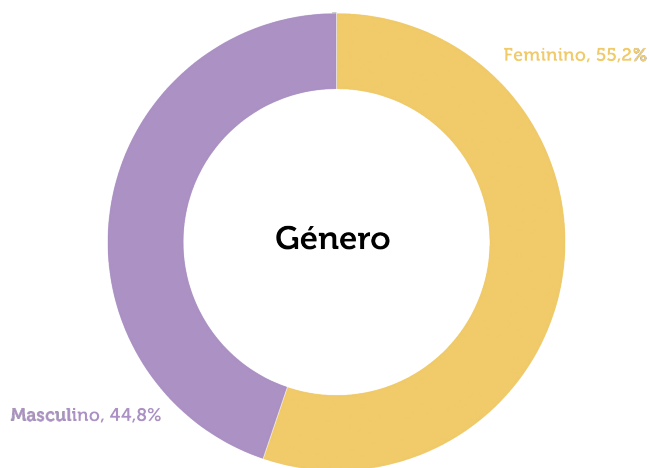


Figura 4 - Distribuição dos participantes por Género. Número de respostas: 2103

11

Quanto à distribuição das respostas por distritos, regista-se uma maior concentração de respostas em Lisboa (29,08%), Coimbra (26,13%) e Setúbal (23,94%), perfazendo um total de 79% das respostas recebidas. Outros distritos onde o Projeto Educação já chegou, mas em menor número, são os distritos de Porto, Viseu, Setúbal, Santarém e Beja, e ainda na Região Autónoma da Madeira (Figura 5). É de realçar que nestas últimas regiões, a menor predominância de número de sessões também revela a falta de abertura para se abordarem questões LGBTI no espaço escolar, refletindo também a mentalidade e o ambiente dominantes nestas localidades. Precisamente por esta falta de abertura, consideramos pertinente tentar dinamizar, no futuro, mais sessões em zonas não metropolitanas e no interior.

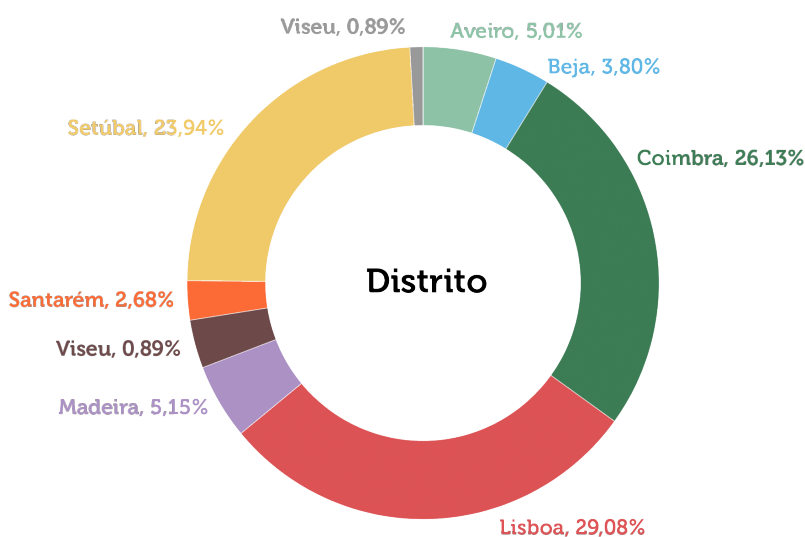


Figura 5 - Distribuição das respostas obtidas por distrito. Número de respostas: 2235



FORMULÁRIO A ALUNAS E ALUNOS

CONHECES ALGUMA PESSOA LÉSBICA, GAY, BISSEXUAL, TRANS OU INTERSEXO?

12

Quando inquiridas/os em relação ao conhecimento de alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo, a grande maior parte das alunas e dos alunos, 78% (1741 respostas), responde que de facto conhecem alguém, tal como se pode observar na Figura 6. Este resultado é importante para demonstrar que existe, cada vez mais, uma visibilidade e reconhecimento da existência destas pessoas, no entanto, seria importante, de futuro, perceber o resultado para cada uma das categorias LGBTI.

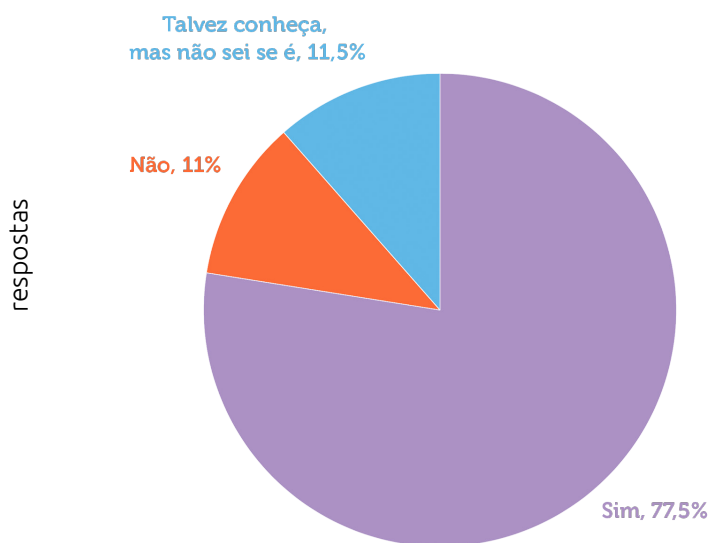


Figura 6 - Distribuição das respostas à pergunta "Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?"

Apenas 11% (258 respostas) responde que talvez conheça, mas sem certezas. Acreditamos que este fator possa indicar que existem pessoas que, devido a maneirismos e outros estereótipos, são percecionadas como LGBTI. Mas também pode significar que ainda existem jovens com receios de comunicar a sua orientação sexual e/ou identidade de género não convencionais. Isto pode dever-se a diversos fatores, tais como a falta de aceitação pessoal, o ambiente escolar (Figura 21), familiar (Figura 9) e social pouco inclusivos, assim como a pouca visibilidade fidedigna de pessoas LGBTI.

Os restantes 11% (247 respostas) são respostas negativas, o que demonstra, mais uma vez, a falta de visibilidade em ambientes escolares, familiares e sociais, geralmente, pouco inclusivos à diversidade de orientações sexuais, identidades e expressões de género.

COMO REAGIRIAS SE A/O TUA/TEU MELHOR AMIGA/O SE ASSUMISSE COMO LGBTI?

As respostas à pergunta, “Como reagirias se a/o tua/teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?”, corroboram a existência de homofobia, bifobia e transfobia junto da juventude escolar. Tal como se pode observar na Figura 7, apesar de 84% das alunas e alunos (1885 respostas) responderem que a relação permaneceria inalterada, 14% dos participantes (309 respostas) indicou que a relação iria mudar e 2% dos participantes (36 respostas) assumem que acabavam com a amizade.

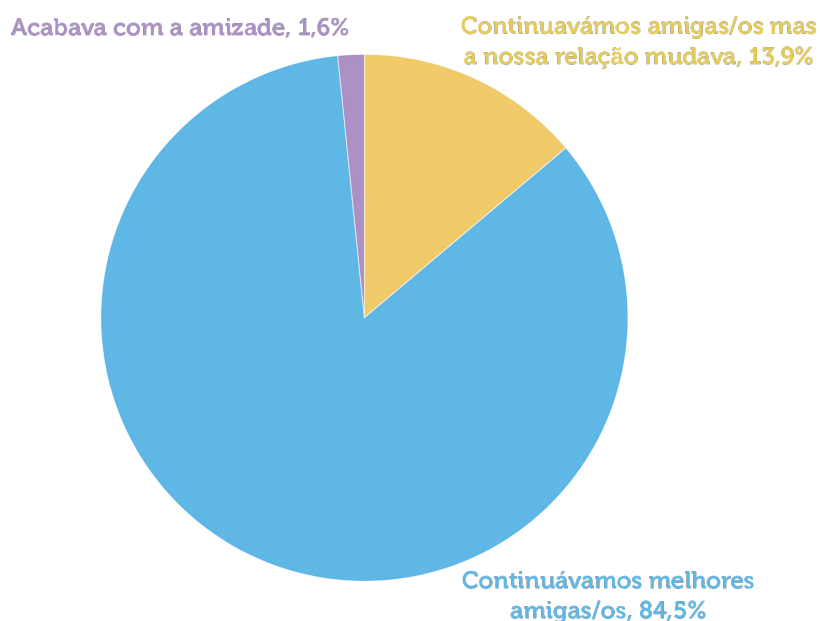


Figura 7 - Distribuição das respostas à pergunta “Como reagirias se a/o tua/teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?”

A SESSÃO MOTIVOU-TE A LUTAR CONTRA A HOMOFOBIA, BIFOBIA E TRANSFOBIA?

76% da juventude afirma que a sessão do Projeto de Educação LGBTI a/o motivou a lutar contra a homo, bi e transfobia (ver Figura 8). Estes são resultados muito positivos e as Figuras 7 e 8 indicam que se está a formar uma geração cada vez mais inclusiva e respeitadora. Contudo, é importante não esquecer que 79% das respostas aos formulários são dos distritos de Lisboa, Coimbra e Setúbal, que são distritos muito metropolitanos situados no Litoral.

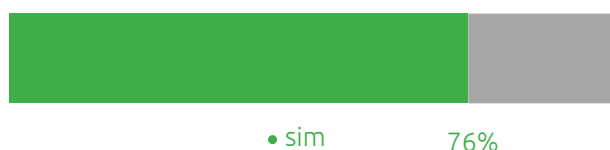


Figura 8 – Barra de progresso quanto ao ganho de motivação para a luta contra a homofobia, bifobia e transfobia



A ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÉNERO SÃO TEMAS ABORDADOS EM AMBIENTE FAMILIAR?

Quando questionadas/os em relação a se a orientação sexual e identidade de género são temas abordados em ambiente familiar, apenas 47% das respostas são positivas, sendo que cerca de 15% afirmam que estes temas, quando abordados, são-no de uma forma desconfortável. 38% das alunas e alunos referem ainda que a família não inclui estes assuntos nas suas conversas (ver Figura 9).

14

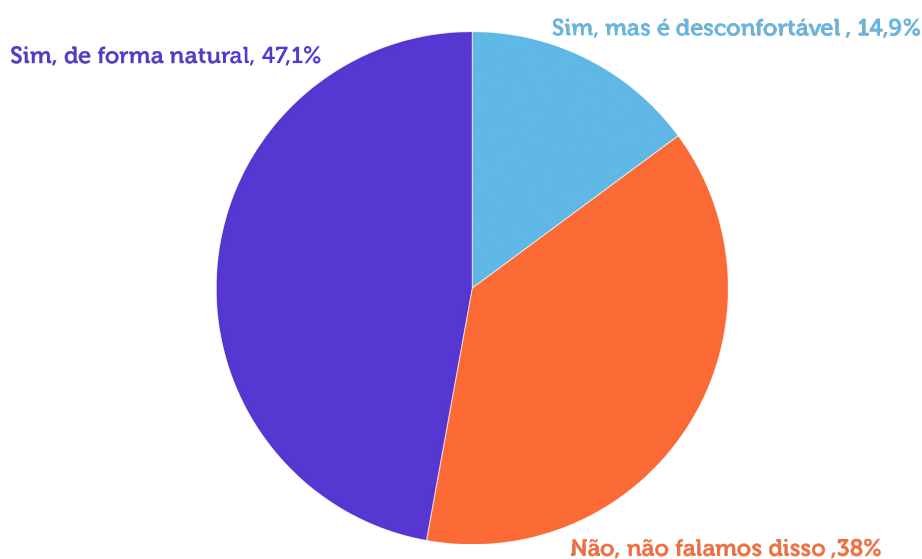


Figura 9 - Distribuição das respostas à pergunta "A orientação sexual e identidade de género são temas abordados na tua família?"

No seguimento da pergunta anterior, onde se conclui que se está a formar uma geração cada vez mais livre de preconceitos homo, bi e transfóbicos, podemos afirmar que as gerações mais antigas, nomeadamente as famílias, demonstram dificuldade em abordar questões ligadas à orientação sexual, identidade e expressão de género. É importante aqui pensar qual é o papel da escola, e da sociedade civil como um todo, na intervenção na educação para os direitos humanos.

QUAL É A TUA OPINIÃO SOBRE AS PESSOAS LÉSBICAS, GAYS BISSEXUAIS, TRANS E INTERSEXO, DEPOIS DESTA SESSÃO?

As respostas a esta pergunta aberta são contabilizadas em mais de 1500 respostas válidas. Por conta disso, é retirada uma amostra de 375 respostas, para uma análise feita com a categorização a partir de palavras/expressões que se repetiam e de ideias semelhantes. A sistematização foi elaborada com quatro categorias gerais: Intolerância, Tolerância, Apoio a Mudanças Sociais e Pessoas que se identificam como LGBTI, cada categoria devidamente desenvolvida no tópico correspondente.

15

1) Intolerância

Primeiramente, temos as respostas que demonstram graus de intolerância a pessoas LGBTI, seja por “discordarem” ou acharem “anormal” a orientação sexual (sem referência à identidade de género). O que caracteriza estas respostas é a clareza de que as pessoas que as escreveram não se sentem confortáveis com orientações sexuais e identidades e expressões de género diferentes das que foram historicamente constituídas como normais, ou seja, como regra.

a) Algumas respostas apresentam um certo grau de respeito:

- Eu não concordo com a orientação sexual delas, mas respeito porque não podemos julgar visto que ninguém é perfeito. [21F, Loures]

- Eu acho que os gays etc. são pessoas fora do normal, mas merecem o devido respeito. [13M, Serpa]

- Anormais, no entanto, não discrimino nem insulto. [17M, Vila Franca de Xira]



b) A religião é ainda um dos motivos mais apontados e que servem de justificação à discriminação:

- Eu respeito as pessoas que merecem o meu respeito, não ligo para a orientação sexual dos outros que isso é cada um que decide e eu respeito, mas na minha opinião não é certo, a minha religião não permite. [16F, Setúbal]

- Eu continuo com a mesma opinião. Eu respeito as pessoas que se assumem assim, mas não aceito. Aceitar é diferente de respeitar e ainda há muitas pessoas que não sabem a diferença. Não sou homofóbica, apenas não apoio. Acho que ninguém tem de desrespeitar o outro, nem alguém hétero a um LGBT+, nem alguém LGBT+ a um hétero. [15F, Vila Franca de Xira]

- Eu não sei. Fui ensinada de outra maneira, na igreja disseram que Deus criou o homem e a mulher para ficarem juntos não o contrário. [17F, Sintra]

- Deus criou Adão e Eva, não Adão e Adão. Dito isto, (a minha opinião) continua na mesma. [17M, Setúbal]

c) Há também muitas respostas baseadas na falta de informação, que revelam estigmas socialmente compartilhados e preconceitos sobre identidades dissidentes, bem como falta de convivência e visibilidade com pessoas LGBTI:

- Acho muito estranho duas pessoas do mesmo sexo estarem aos beijos. [17M, Lousã]

- Eu acho que eles não têm culpa de serem assim, mas eu não gosto destas pessoas. [M18, Loures]

- Só querem atenção. [16M, Figueira da Foz]

- Confesso que tenho medo de ser violado. [16M, Figueira da Foz]

- São deficientes. [16M, Figueira da Foz]

- São repugnantes e deviam ser submetidos a tratamentos em hospitais para doentes mentais. [17M, Figueira da Foz]

- A homo e bissexualidades parecem-me naturais. A transexualidade parece-me uma doença. [16M, Figueira da Foz]

2) Tolerância

A categoria Tolerância engloba várias palavras-chave que demonstram constituir um discurso muito semelhante: diferente, normal, heterossexual, escolha, orientação sexual, respeito e igualdade. O sentido comum dessas respostas é o de uma diferenciação em relação a pessoas que não sejam cisgéneras e heterossexuais, com muito mais referência à questão da orientação sexual (como se tal caracterizasse a única marca de diferença possível na sigla LGBTI).

17

a) Diferente

A palavra diferente é utilizada para fazer uma demarcação entre “eles” (pessoas LGBTI) que são iguais em direitos mas diferentes de “nós” (heterossexuais – sem referências explícitas ao ser-se cisgénero ou trans), usando também palavras como respeito e normal. Existe também a ideia de igualdade, no sentido em que todos são iguais e merecem o mesmo respeito, mas não há uma clara referência às necessidades de mudanças institucionais, jurídicas, sociais e culturais, para maior amparo daqueles que ainda não se conseguem sentir à vontade para serem quem são ou que são discriminados em diversos ambientes.

- São pessoas com orientações diferentes, mas merecem respeito tal como as pessoas heterossexuais. [18F, Odivelas]

- A minha opinião é a mesma, são pessoas normais, com um gosto especial e diferente. [15F, Montijo]

- São pessoas normais que têm orientações sexuais diferentes. [18F, Setúbal]

- São pessoas iguais a todas as outras, só com gostos diferentes do "normal". [18M, Figueira da Foz]

- São pessoas iguais a nós, mas têm gostos sexuais diferentes. [16F, Montijo]

- A minha opinião continua a ser a mesma em relação às pessoas que têm escolhas ou gostos diferentes dos meus. [17M, Montijo]



b) Normal

Como já se pôde observar em algumas respostas acima, a palavra normal aparece várias vezes para caracterizar as pessoas LGBTI. É difícil perceber se a utilização desta palavra é no sentido de considerarem que as pessoas LGBTI devem ser tratadas e ter os mesmos direitos que as heterossexuais e cisgéneras, mas a necessidade de categorizá-las como pessoas normais pode surgir também por oposição a uma tendência para considerar estas pessoas como “anormais”. A maioria das/os jovens não a coloca entre aspas, nem questiona, de alguma forma, a ideia de normalidade:

- São pessoas completamente normais que merecem o respeito de todos. [15F, Montijo]

- São pessoas normais. [15F, Vila Franca de Xira]

- São pessoas normais como todas as normais. [16F, Cascais]

- Que são pessoas "normais" lá por não ser tão comum não significa que não seja normal e que devem ser respeitadas da mesma forma que as outras. [16F, Montijo]

Poucos usaram aspas ou questionaram a própria ideia de normalidade:

- Somos todos humanos, viemos todos do mesmo sítio, logo somos todos o que dizem ser "normais". [16F, Setúbal]

- É a mesma que já tinha. São pessoas "normais" embora o conceito de normalidade seja algo definido pelas pessoas. [18F, Setúbal]

- Não são anormais, mas sim fora do comum. [15M, Montijo]

c) Heterossexual

O sentido da utilização das palavras “diferente” e “normal” é mais esclarecido pela referência explícita à heterossexualidade, sendo considerada implicitamente como natural, norma e regra. Verifica-se uma comparação com heterossexuais no sentido de serem iguais, terem os mesmos direitos e também serem respeitados:

- São exatamente iguais a pessoas heterossexuais. [19F, Lamego]

- São humanos como os heterossexuais. [18M, Montijo]

- Acho que todos têm o direito de mostrar o que sentem e de se sentir integrado na sociedade como os heterossexuais. [15F, Montijo]

- Todos têm os mesmos direitos que as pessoas heterossexuais. [20F, Lamego]

- As pessoas da comunidade LGBTI são iguais às pessoas heterossexuais, têm direito a ser respeitadas de igual forma. [20F, Odivelas]

d) Orientação Sexual

Ainda na linha do tópico anterior, muitas respostas também se referem à orientação sexual (sem comentar questões de identidade de género), misturando orientação sexual com identidade de género. Em baixo transcreve-se algumas dessas respostas:

- São pessoas como as outras apenas com uma orientação sexual diferente. [16F, Arouca]
- Cada um tem a sua orientação sexual se são felizes desta forma melhor para eles. [18F, Odivelas]
- Cada um tem a sua orientação sexual e ninguém tem nada a ver com o assunto. [18F, Figueira da Foz]

Este último testemunho reflete ainda uma realidade muito comum que é a de referir-se à orientação sexual das pessoas como algo que é e/ou deve ser invisível, ignorando que a heterossexualidade é uma orientação sexual que está visível em todas as situações da nossa sociedade: na escola, no trabalho, no lazer, no entretenimento, na cultura, etc.

19

e) Escolha

A ideia de escolha infere que existem opções e esta é uma ideia expressa ainda por várias pessoas na sociedade portuguesa, incluindo nas escolas. A ideia de que ser-se homossexual, bissexual ou trans é uma escolha surge quase sempre no contexto das sessões do Projeto Educação LGBTI. Normalmente as oradoras e oradores questionam de volta as alunas e os alunos, perguntando: “Se é uma escolha, alguém se lembra quando é que escolheu ser heterossexual?”. Depois do silêncio, as respostas são sempre negativas e ninguém consegue dizer quando escolheu ser bissexual ou heterossexual, ou outra qualquer orientação sexual. As seguintes respostas corroboram a existência deste preconceito:

- Entendo e respeito as suas decisões. [16M, Arouca]
- São pessoas normais como qualquer outra e devemos respeitá-las independentemente das suas escolhas. [17F, Setúbal]
- Cada um tem a liberdade de escolher a sua orientação sexual e psicológica. [17M, Setúbal]
- Todas as pessoas têm o direito de escolher uma forma de vida que as deixem confortáveis e felizes. Devem ser livres de poderem amar quem quiserem sem serem discriminados. [19F, Setúbal]



Há duas respostas que indicam questões diferentes: uma porque faz referência às identidades trans e outra ao porque se refere a um caso de uma pessoa em contexto familiar:

- Têm todos o direito de escolher a pessoa com quem querem partilhar a sua vida, [...]. Quanto aos trans têm o direito de escolher o que querem ser. [21F, Lamego]

- A minha (opinião) mantém-se igual, ou seja, acho absolutamente normal, sem diferenças na minha vida, talvez por ter uma pessoa assim na família deu-me a oportunidade de aprender e saber tratar e aceitar todos independentemente das escolhas. [16F, Montijo]

f) Respeito

Os testemunhos agrupados nesta subcategoria realçam a importância da educação e da visibilidade de orientações sexuais, identidades e expressões de género não convencionais para promover a aceitação e respeito das mesmas.

- [...] Respeito desde sempre porque fui educada assim e acho que toda a gente devia de ter a mesma educação. [18F, Figueira da Foz]

- É que todos têm de ser respeitados de forma igual pelo que são e pelo que sentem ser. Tenho e conheço amigos gays e respeito-os, como respeito todas as pessoas. [15F, Montijo]

- (...) Sempre respeitei e tenho amigos que são e sempre apoiei. Acho que até aprendi mais. [17F, Cascais]

Por último, há nalgumas respostas a projeção de um respeito mútuo entre pessoas cisgénero/heterossexuais e LGBTI's. Ou seja, a ideia de que as pessoas LGBTI desrespeitam, de alguma forma, as pessoas heterossexuais e cisgéneras. Há também a menção à ideia de ser-se "errado" ser LGBTI, baseado em crenças religiosas, o que ainda assim não constitui uma razão para desrespeito e falta de igualdade.

- Eu respeito essas pessoas, mas depois elas também devem de respeitar os outros. [15M, Montijo]

- Devemos respeitá-los pois cada um gosta do que quer, pode ser errado em termos religiosos mas o respeito e igualdade é essencial para cada ser humano independentemente da sua orientação sexual. [16F, Setúbal]

g) Igualdade

A noção de igualdade aparece sob diversas formas nas respostas, sendo a mais comum a ideia de todas/os sermos seres humanos “iguais” e com os “mesmos direitos”. Apesar do nome do subtópico, existem também relatos com a ideia de distinção, usada de forma semelhante à explicada no subtópico “a) Diferente”.

- Acho que no fundo somos todos humanos na mesma, somos todos iguais, cada um tem os seus gostos e preferência como tudo na vida. [15F, Montijo]

- São todos seres humanos iguais.
[15M, Setúbal]

- A mesma (opinião) de antes, pessoas como nós e com os mesmo direitos. [15F, Montijo]

- São pessoas como as outras. Se o mundo fosse todo igual não tinha piada.
[17F, Setúbal]

- São pessoas como nós e que devemos respeitar porque afinal são humanos.
[16F, Almada]

21

3) Apoio a Mudanças Sociais

As respostas que demonstram um reconhecimento das pessoas LGBTI e do seu sofrimento/discriminação não foram muitas, sendo um discurso minoritário frente à categoria “Tolerância”. Aqui, verifica-se tanto admiração e apoio à causa, como um reconhecimento de que atos de discriminação são negativos para pessoas LGBTI (ou que não se enquadram no ideal social de pessoa cisgénero heterossexual). Por fim, há respostas que explicitamente revelam a vontade de lutar pela causa em certas situações, sendo que esta questão será explorada mais à frente numa pergunta aberta do formulário. Para uma melhor visualização de exemplos desse apoio amplo das mudanças sociais, as respostas foram agrupadas em várias categorias de acordo com o que as respostas centralmente se referiam.



a) Coragem

A questão da coragem apontada demonstra o reconhecimento de um esforço particular das pessoas LGBTI para lidarem com as situações quotidianas de exclusão, discriminação e medo.

- A minha opinião é a mesma e eu por acaso admiro bastante essas pessoas, porque admiro a coragem que têm e cada qual tem o seu gosto sexual e ninguém tem de julgar por isso. [15F, Setúbal]

- Acho que as pessoas são completamente normais como todas as outras e que são super corajosas, pois assumir-se nesta sociedade tão crítica não é fácil. [17F, Figueira da Foz]

- São pessoas normais, com uma força mental muito forte, pois lutam contra vários insultos [15M, Vila Franca de Xira]

b) Familiares e conhecidos

Dentro da categoria de Apoio às Mudanças Sociais, é interessante verificar que quando existem casos de pessoas LGBTI no círculo familiar ou de amigas/os é mais fácil aceitar, respeitar e lutar pela existência e direitos das pessoas LGBTI. A criação de empatia pela dificuldade ou fragilidade do outro, assim como a própria visibilidades destas questões originam consequentemente uma maior aceitação e respeito.

- Sempre aceitei a orientação sexual das pessoas, não discrimino ninguém. Cada um faz as suas escolhas. Aliás eu estou habituada a estar com essas pessoas, não que sejam diferentes, mas as minhas duas irmãs são, por isso, para mim, é mais que normal. [16F, Sintra]

- Mantive a mesma opinião e apoio porque tenho uma prima lésbica. [17F, Funchal]
- A minha opinião sobre as pessoas LGBTI sempre foi de respeito e igualdade, até porque tenho muitos familiares e amigos LGBTI. [17F, Funchal]

- Respeito todas as pessoas de igual forma, além disso a minha melhor amiga é lésbica. Antes e depois de eu saber sempre fomos e sempre seremos melhores amigas. [18F, Montijo]

- Gosto de pessoas desse tipo até porque tenho um primo gay. [18F, Almada]

- São pessoas, somos nós, são os nossos amigos, são os nossos irmãos, são os nossos companheiros ou mesmo os nossos familiares. [17F, Setúbal]

c) Insultos

A necessidade de pensar sobre os insultos a que as pessoas LGBTI são alvo, principalmente no meio escolar, é um dos principais objetivos do Projeto Educação LGBTI. Verificar que com estas sessões conseguimos sensibilizar as/os jovens para, por um lado, medirem as consequências que as palavras ofensivas podem ter para as pessoas LGBTI e, por outro, se tornarem agentes de mudança ativa, corrigindo quando outras/os colegas proferem essas ofensas, dá-nos uma indicação na continuação do combate à discriminação e necessidade de trazer estes temas para o debate junto da juventude.

- Na minha opinião esta sessão fez-me reparar o quanto estes insultos podem magoar as pessoas. [15F, Setúbal]

- Acho que são pessoas perfeitamente normais, como as outras, o que cada um deve de fazer é respeitar a orientação de cada um, e por sua vez também defendê-los caso alguém insulte o nosso amigo. [17M, Figueira da Foz]

- Eu já respeitava pessoas LGBTI mas depois desta sessão decidi não brincar tanto com as palavras “gay”. [15M, Vila Franca de Xira]

23

d) Discriminação

O mesmo se verifica quando falamos na necessidade em acabar com a discriminação às pessoas LGBTI:

- Devemos acabar com os insultos, com os maus tratos, com a separação, pois é devido a isso que as outras pessoas se sentem muito mal, e isso pode levar muitas vezes a acabar com vidas (suicídio). [15F, Vila Franca de Xira]

- Para mim, estas pessoas são iguais a todas as outras. Não é por elas serem gays, lésbicas, bissexuais, trans, etc. que deviam ser discriminadas ou abusadas, despedidas do trabalho ou expulso da família. Como já disse para mim todas são iguais. [19M, Odivelas]

- As pessoas que são LGBTI são pessoas iguais às outras pessoas só que muitas pessoas as consideram como menores, etc. [15M, Montijo]

- Considero-as iguais. Odiar alguém devido à sua orientação sexual é primitivo e não civilizado, e reduzi-los a nada mais do que a sua orientação, quando são muito mais além disso. [17M, Setúbal]

- A minha opinião é que cada um tem a sua vida, e as pessoas que discriminam mais tarde se viessem a passar pelo mesmo que muitas pessoas LGBTI passam, não iriam gostar. [16M, Setúbal]

- Não é através da orientação sexual que se define uma pessoa e o conceito normal anormal não se aplica dado que somos todos humanos, logo somos todos iguais. [18F, Setúbal]



- Uma pessoa que discrimina a outra seja pela cor ou pela orientação sexual, é uma pessoa que não é segura de si própria. [18F, Setúbal]

e) Luta

Tomar parte ativa na luta pela igualdade dos direitos e liberdades de orientação, identidade e expressão de género é também um dos objetivos da associação e, consequentemente, do Projeto Educação LGBTI. Podemos ser pessoas esclarecidas em relação a estes temas mas a parte da luta contra a homofobia, bifobia e transfobia vem das atitudes concretas que tomamos, no dia-a-dia, sempre que somos testemunhas ou vítimas de uma situação de discriminação.

- São pessoas completamente normais e têm o direito de serem respeitadas. E devemos continuar a lutar por esse direito e igualdade. [15F, Montijo]

- Luto pelos direitos pois são pessoas e seres humanos como todos nós. [15F, Vila Franca de Xira]

4) Assumir-se como LGBTI

Por fim, são selecionadas algumas das respostas em que, para além da pessoa comentar o que foi questionado, também se identifica como LGBTI. Em primeiro lugar, chama-se a atenção para aquelas que demonstram que existe alguma inconformidade causada pela perceção social sobre si, enquanto LGBTI, e também para as pessoas que destacam o sentido de respeito e de igualdade.

- Acho que não é normal. Eu sou homossexual e não me sinto normal na nossa sociedade. [17M, Penacova]

- Eu própria sou lésbica, neste momento não posso contar aos meus pais porque eles são ainda muito preconceituosos, estou apenas à espera de ter casa própria para lhes contar. [17F, Figueira da Foz]

- A minha opinião continua a mesma porque eu também sou e se gosto que me respeitem, também respeito os outros. [17M, Figueira da Foz]

- Eu sou a favor, eu sou lésbica e gosto de assumir, não ligo muito aos insultos e gosto de saber que existem pessoas que aceitam e ajudam essas pessoas. [15F, Montijo]

- São pessoas como as outras e não devem ser tratados de forma diferente. Eu própria sou bissexual. [16F, Setúbal]

- Sendo bissexual, não tenho quaisquer preconceitos para com qualquer indivíduo da comunidade. [18F, Odivelas]

- Adoro pessoas da comunidade LGBT também pertenço. [16M, Montijo]

- São pessoas iguais a qualquer heterossexual, além do mais eu sou bissexual e sinto-me bem ao assumir-me. [20F, Funchal]

- São pessoas como as outras e não devem ser tratadas de forma diferente. Eu própria sou bissexual. [16F, Setúbal]

- Já concordava com todos eles, além de que somos pessoas normais. Temos todos os direitos como as outras pessoas. [19F, Figueira da Foz]

- Sempre foi positiva, pois acho que são pessoas normais. Aliás, eu sou bi, pois não me importo com o sexo da pessoa. Para mim tanto faz, o que interessa é o que sinto por ela. [16F, Figueira da Foz]

rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes



COSTUMAS ASSISTIR A SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO, AGRESSÃO OU GOZO COM BASE NA ORIENTAÇÃO SEXUAL OU IDENTIDADE DE GÉNERO?

26

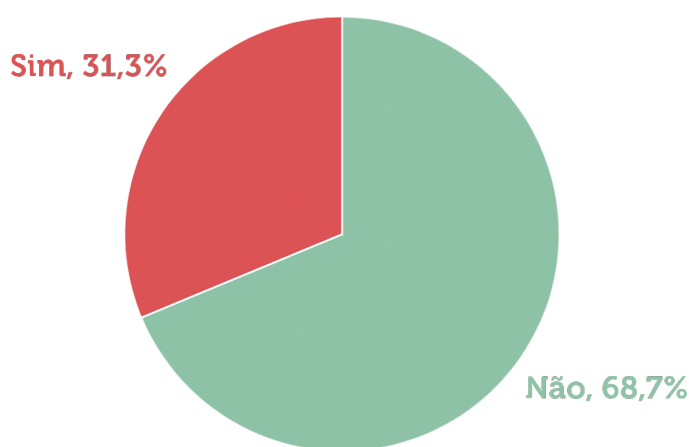


Figura 10 - Distribuição das respostas à pergunta "Costumas assistir a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual ou identidade de género?". Número total de respostas: 2249

Quando confrontadas/os com situações de discriminação que tenham sofrido ou a que tenham assistido, 31% das/os estudantes afirma assistir a situações em que os seus pares são alvo de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual ou identidade de género (Figura 10), apesar do trabalho que se tem tentado fazer junto das escolas, nestes últimos anos, de modo a minimizar este tipo de situações.

Tais resultados fazem-nos concluir que a apresentação de uma orientação sexual e/ou identidade/expressão de género não normativas ainda é vista como uma vulnerabilidade e uma oportunidade para fragilizar essa mesma pessoa. Tais situações discriminatórias podem ir de um comentário aparentemente inofensivo à agressão física ou verbal direta. Estes comportamentos podem traduzir-se numa baixa auto-estima e falta de confiança por parte da/o jovem LGBTI, assim como pouco à-vontade em assumirem-se entre os seus pares. A agravar esta situação está o facto destas/es jovens também não terem a facilidade de abordar esta questão no seio familiar. No fundo projeta-se, aquilo a que chamamos, o ciclo dos três I's (insulto, isolamento, invisibilidade), que sempre referimos quando nos deslocamos a um estabelecimento de ensino. O objetivo da associação e do Projeto Educação LGBTI é contribuir para quebrar este ciclo, transformando a invisibilidade numa visibilidade positiva e real.



Figura 11 – Ciclo dos 3 I's

ACHAS QUE É IMPORTANTE FALAR SOBRE ESTAS QUESTÕES (COMO NESTA SESSÃO) NA ESCOLA PARA DIMINUIR ESTE TIPO DE SITUAÇÕES?

Em relação à importância de falar sobre temas de orientações sexuais e identidades de género não normativas (Figura 12), com o objetivo de diminuir situações de discriminação, agressão ou gozo com base nestas características, 85% dos estudantes (1657 respostas) referem ser importante ou muito importante sessões como estas disponibilizadas pela rede ex aequo. 13% (262 respostas) indicam que nunca pensaram sobre esta questão e apenas 1% (20 respostas) tomaram uma posição contra. Cerca de 1% (17 respostas) das/os jovens deram outras respostas, onde mais de metade considera pouco importante falar sobre estas questões. Para esta pergunta obteve-se um total de 1956 respostas válidas.

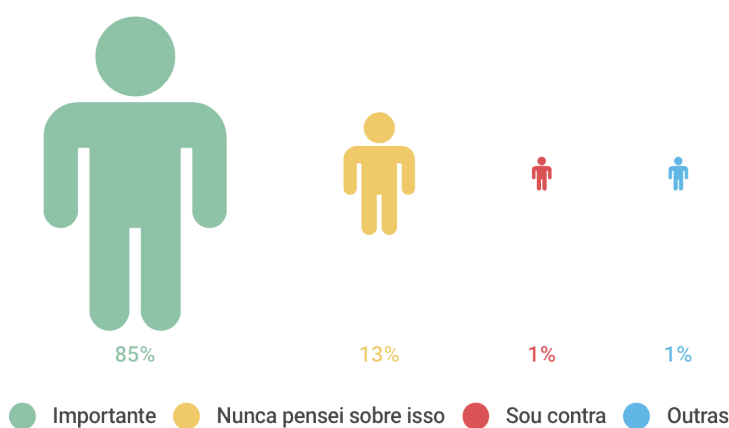


Figura 12 - Importância atribuída pelas/os alunas/os à abordagem de temas de orientações sexuais e identidades de género não convencionais nas escolas.



Como se pode observar na Figura 12, aproximadamente 85% da totalidade dos jovens em causa acredita ser importante abordar estes temas. Os mesmos reportam que deveriam existir mais sessões como estas pois, para além de ser importante para pessoas com orientações sexuais e identidades de género não normativas, visto que ajuda a erradicar o preconceito, também consideram importante ouvir testemunhos novos de diferentes pessoas. Igualmente importante é o facto destas/es jovens acreditarem que iniciativas como as sessões do Projeto Educação LGBTI contribuem para diminuir situações de homo, bi e transfobia.

28

Por outro lado, cerca de 13% dos estudantes afirmaram nunca ter pensado sobre o assunto, o que pode ser um indicativo da existência de alguma invisibilidade em relação a estes temas. O facto desta percentagem ser ainda significativa, quando comparada com as restantes, indica que é necessário investir em mais sessões de modo a quebrar o ciclo vicioso do insulto que leva ao isolamento e, conseqüentemente, à invisibilidade. É ainda de salientar a baixa percentagem de pessoas que tomam posições contra este tipo de sessões, representando apenas cerca de 1%. Tais valores são indicativos do desenvolvimento de uma geração sensível e cada vez com mais vontade de receber e partilhar histórias e informações sobre as temáticas de orientação sexual, identidade e expressão de género.

Em seguida transcreve-se algumas das respostas dadas de forma consistente pelos estudantes:

- MUITO IMPORTANTE! (não só em escolas, mas em todo o lado). [19F Lisboa]
- Também é importante falar deste assunto noutros locais para fomentar a diminuição da discriminação. [16M Setúbal]
- Devia ser mais frequente este tipo de sessão porque sensibiliza as pessoas. [21M Coimbra]
- Acho importante apesar de pensar que nada vai mudar. [16F Setúbal]
- O assunto devia ser abordado com pessoas de outras gerações, pois por norma a nossa geração já está habituada a lidar com as diferenças. [18M Setúbal]
- Sou contra porque o gozo e a discriminação continuam no dia a seguir. Não faz diferença. [14F Lisboa]

ESTAS QUESTÕES SÃO ABORDADAS NA ESCOLA?

Na pergunta “Estas questões são abordadas na escola?”, há 4 respostas pré-definidas: “Nunca”, “Muito Raramente”, “Sim, de forma positiva” e “Sim, de forma negativa”, e a sua distribuição pode ser observada na Figura 13.

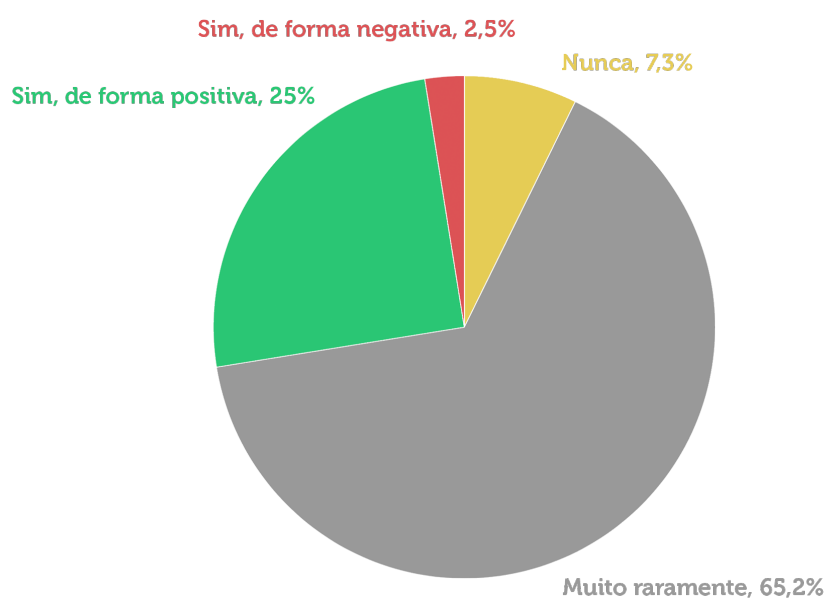


Figura 13 - Distribuição das respostas à pergunta “Estas questões são abordadas na escola?”. Número total de respostas: 2227

Muitas respostas têm complementos para especificar em que contexto escolar se fala destas matérias. Por exemplo, “Muito raramente, (apenas) em palestras como esta” ou “sim, de forma positiva, no recreio com a minha amiga lésbica”. Os complementos às respostas foram agrupados em três grupos e representados na Figura 14, sendo que no grupo “palestras/sessões” prevalece o Projeto Educação LGBTI.



30

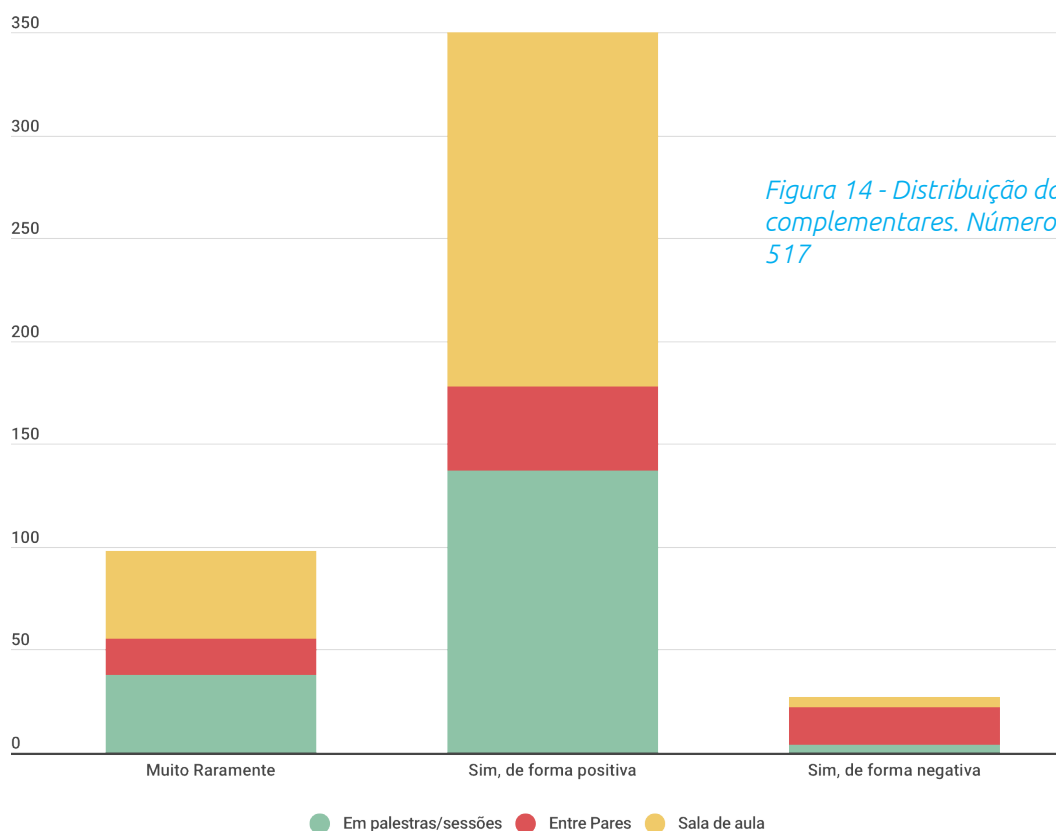


Figura 14 - Distribuição das respostas complementares. Número total de respostas: 517

A maioria refere que estas temáticas são abordadas na sala de aula, seguido das palestras/sessões e, finalmente, entre pares. Nota-se uma exceção à resposta “Sim, de forma negativa”, que foi a única onde prevaleceu o contexto “Entre Pares” ao invés das outras. Nas aulas, estes temas são maioritariamente abordados em módulos específicos, momentos pontuais de Educação Sexual e aulas de ciências/biologia e filosofia. Algumas respostas sugerem que se fala destes temas em sala de aula por iniciativa das alunas e alunos, sendo que professoras e professores permitem/incentivam a sua continuação, nomeadamente quando uma aluna ou aluno da turma se tornam visíveis enquanto LGBTI e/ou existem comentários homo, bi e transfóbicos na turma.

Quanto às respostas que afirmaram serem raramente tratados esses assuntos, destaca-se algumas que denunciam a realidade das escolas quanto à falta deles:

- Muito raramente, na minha escola muito pouco se tinha estas questões, acho que mais escolas deviam de ter estas sessões. (M15, Cascais)

- Muito raramente, só se fala entre colegas, a escola não se preocupa minimamente com este assunto. (M21, Cascais)

- Muito raramente, nas aulas de biologia e em algumas aulas de educação sexual. No entanto, não foi tão esclarecedor. (F18, Vila Franca de Xira)

As respostas que reconhecem a forma negativa como é tratado o assunto informam que isto acontece quando uma pessoa trans é criticada, em situações de demonstração de afeto ou quando rapazes apresentam maneirismos, sendo “julgados como homossexuais”. Aparece com menos frequência em situações de aula, sendo mais referido o facto do gozo para “que a pessoa sinta nojo de si própria”.

DEIXA UM COMENTÁRIO SOBRE A SESSÃO

31

O campo “Se quiseres, deixa um comentário sobre a sessão” está presente em diversos formulários entre os meses de fevereiro e março de 2018. Para além deste campo não estar presente nos formulários durante um período de tempo muito alongado, muitos dos estudantes optam por não deixar nenhum comentário, pelo que não existe um elevado número de respostas. Dentre os comentários deixados verifica-se que a maioria gostou da sessão, reconhecendo a sua importância e a necessidade de haver mais sessões como as que a rede ex aequo promove. Existem diversos elogios à simpatia das/os oradores, à abordagem dos temas e também ao método utilizado durante a sessão.

De seguida são apresentados alguns comentários que ilustram o que foi previamente referido:

- Foi uma sessão bastante positiva, em que os temas foram abordados abertamente. Gostei bastante e deviam de voltar pois estas sessões são muito importantes.

[16M, Vila Franca de Xira]

- Obrigada por terem vindo ainda que desconstruir estes conceitos seja tão difícil.

[15F, Vila Franca de Xira]

- Gostei da sessão e é muito interessante porque não conhecia muitos dos termos abordados. [16M, Vila Franca de Xira]

- Gostei da sessão, e achei muito positiva para poder “abrir” as mentes das pessoas, porque amor é amor. [18F, Vila Franca de Xira]



Os comentários seguintes denotam a relevância que os alunos deram ao tema e à necessidade de mudanças sociais:

- Gostei imenso da sessão, é importantíssimo estes temas serem abordados nas escolas não só para encorajar as pessoas que têm receio de se assumir, mas também para mudar as mentalidades de muitos de nós que apesar de sermos da nova geração e da “geração da evolução” ainda continuam a existir pessoas a pensar como os de antigamente. [15F, Vila Franca de Xira]

32

- Foi positiva, mas uma vez mais penso que não se devem rotular as pessoas consoante a orientação sexual. Enquanto houver rótulos, há desigualdades, enquanto houver desigualdades, este tema será sempre motivo de discórdia. [17M, Vila Franca de Xira]

São ainda registados diversos comentários que se referem às mudanças que estas sessões promoveram nas pessoas e a necessidade de introduzir crianças neste projeto, assim como de realizar mais sessões no geral “Deviam fazê-lo muito mais vezes. E fazê-lo com crianças. Quanto mais cedo tiverem essa noção melhor [17F, Vila Franca de Xira]”. Em suma, apesar desta questão não ter possuído tantas respostas como as outras, os comentários obtidos demonstram a importância e o impacto que estas sessões detêm nos participantes.

FORMULÁRIO A DOCENTES

Visto que as professoras e professores têm a obrigatoriedade de abordar temas de educação sexual nas aulas, bem como são figuras de poder possivelmente corretoras de situações de discriminação homo, bi e transfóbicas, dedicou-se esta secção à análise dos formulários respondidos pelas mesmas.

33

A SESSÃO DO PROJETO EDUCAÇÃO LGBTI FOI PEDIDA DECORRENTE DE ALGUMA SITUAÇÃO EM PARTICULAR QUE TENHA OCORRIDO NA ESCOLA E QUE NECESSITASSE DE INTERVENÇÃO?

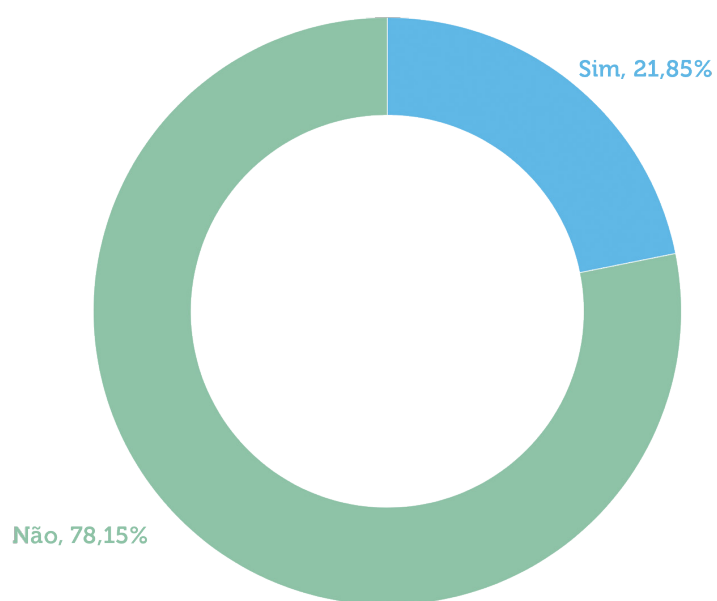


Figura 15 – Respostas à questão: “A sessão do projeto educação LGBTI foi pedida decorrente de alguma situação em particular que tenha ocorrido na escola e que necessite de intervenção?”



Cerca de 22% das professoras e professores que contactaram a rede ex aequo no sentido de realizar uma sessão do Projeto Educação LGBTI, numa ou mais turmas, referem que esta necessidade surge de situações reais, de jovens LGBTI ou não, que sofrem de discriminação relacionada com a orientação sexual, identidade ou expressão de género. Estes dados são importantes, por um lado, para reconhecer a existência de situação de discriminação em contexto escolar e, por outro, para reconhecer a necessidade que as professoras e professores têm em recorrer a outras entidades, neste caso associações especializadas neste assunto, com abordagem de educação não-formal em contexto de paridade, de jovens para jovens. Igualmente importante é que as professoras e professores, mesmo não vivenciando situações de discriminação LGBTI nas suas turmas, entendam a necessidade de dinamizar debates e partilhas em torno das temáticas da orientação sexual, identidade e expressão de género, como será avaliado mais à frente.

COSTUMA ASSISTIR A SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO, AGRESSÃO, GOZO OU BULLYING COM BASE NA ORIENTAÇÃO SEXUAL OU IDENTIDADE DE GÉNERO?

Tal como se pode ver no Figura 16, cerca de 57.9% dos docentes confirmam que costumam assistir a situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género. O que representa um valor interessante, considerando as respostas à questão anterior, podendo concluir que as professoras e professores não se lembram de nenhuma situação de discriminação quando contactam a associação, mas quase 60% reconhece a existência destas situações em contexto escolar. Este é, também, um valor muito significativo e superior ao registado pelas alunas e alunos, que era de 31% (ver Figura 10).

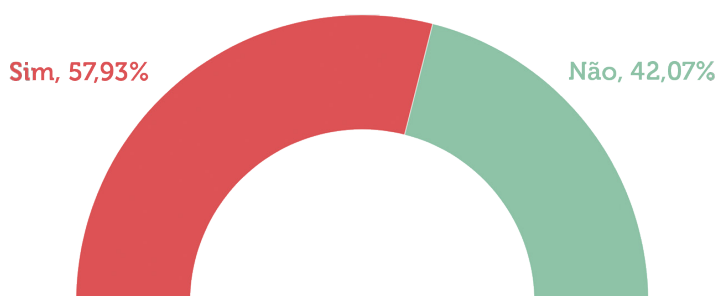


Figura 16 - Distribuição das respostas à pergunta "Costuma assistir a situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género?"

Deste modo conclui-se que a discriminação e o bullying com base na orientação sexual ou identidade de género ainda está muito presente nas escolas de Portugal Continental e na Região Autónoma da Madeira. É, por isso, necessário continuar e reforçar ações de sensibilização sobre estas temáticas de modo a reduzir o número de situações discriminatórias com base na orientação sexual e identidade de género.

SABE REAGIR A CASOS DE BULLYING HOMO, BI E TRANSFÓBICOS?

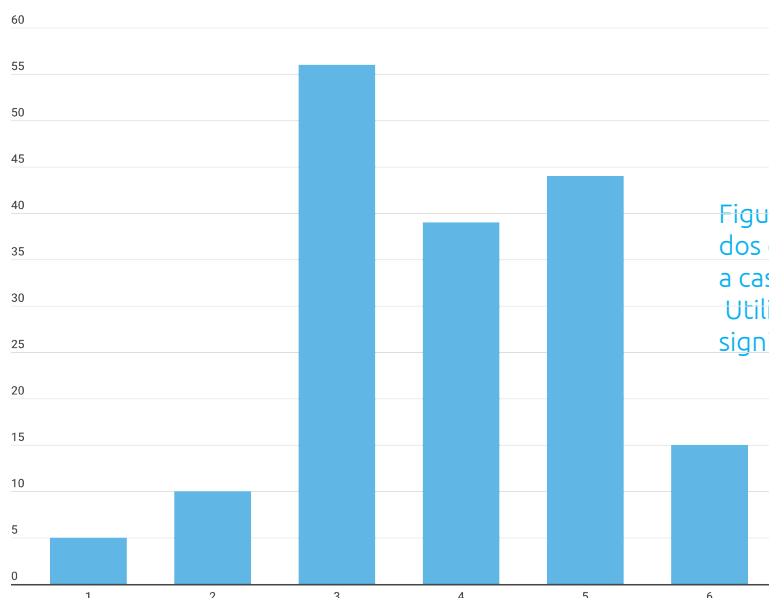


Figura 17 – Autoavaliação quantitativa por parte dos docentes quanto à sua capacidade de reação a casos de bullying homo, bi e transfóbico. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

De acordo com a Figura 17, o número de respostas nas colunas 4 a 6 indicam que 58% das professoras e professores consideram que conseguem reagir positivamente a casos de bullying homo, bi e transfóbico (98 das 169 respostas). Destaca-se o facto de que 56% das respostas se encontram num intervalo intermediário, com os valores “3” e “4”, sendo a maior incidência no valor “3”, que nesta escala, se encontra num quadrante negativo. Estas respostas têm um carácter meramente indicativo da auto-avaliação que cada docente faz da sua capacidade de intervir nestas situações sendo, por isso, interessante numa próxima fase avaliar de que forma o fazem, se tiveram formação especializada para o efeito, qual a recorrência das intervenções e, também, quais os resultados obtidos após a intervenção.



SENTE NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA?

De forma semelhante, a distribuição das respostas das professoras e professores em relação à necessidade de terem formação específica é quase igual, tal como se pode observar no Figura 18. Cerca de 54.5% (91 em 167 respostas) dos docentes indicam que necessitam de receber formação específica. Tendo em conta o tópico anterior, este resultado era previsível. É importante referir que a rede ex aequo também realiza sessões do Projeto Educação LGBTI a docentes e outras entidades. Estas ações junto de docentes e outros profissionais são ainda residuais e por isso não estão refletidas neste relatório. A associação tinha um projeto orientado a estas sessões, o Projeto Inclusão, que foi agora agregado no Projeto Educação LGBTI, pelo que ainda estamos em fase de adaptação e reiniciação do projeto.

36

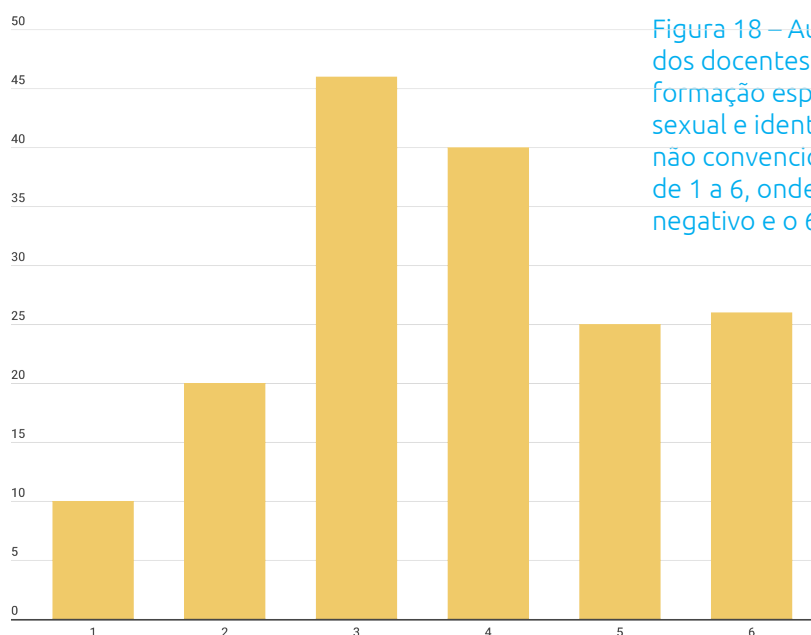


Figura 18 – Autoavaliação quantitativa por parte dos docentes quanto à necessidade de receber formação específica em matérias de orientação sexual e identidade de género não convencionais. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Analisando as últimas duas afirmações (“sei reagir a casos de bullying homo, bi e transfóbico” e “sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões”) percebe-se porque é que ainda existem tantas situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual, identidade e expressão de género. O objetivo deste estudo não é culpabilizar a falta de formação dos docentes à existência de situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género. No entanto, visto que 2 em cada 5 docentes autoavalia negativamente a sua capacidade de reação a casos de bullying homofóbico, bifóbico e transfóbico (Figura 17) e que cerca de 1 em cada 2 professores indica que necessita de formação específica (Figura 18), consideramos que ainda existe uma grande lacuna neste campo.

ABORDA ESTAS TEMÁTICAS NO DECORRER DAS SUAS AULAS?

Apesar de 54.5% das professoras e professores afirmar que necessita de formação específica, é interessante verificar que 79,6% diz já abordar estas questões nas salas de aula, o que é positivo pois é um passo para aumentar a visibilidade e diminuir os preconceitos à volta destes temas, mas por outro não sabemos de que forma é feita essa abordagem. Ainda assim, 20.4% dos docentes confessa não abordar ou abordar raramente estes assuntos no âmbito das suas aulas. Neste inquérito não se aferiu as disciplinas afetas a cada docente, pelo que estes resultados estarão também influenciados pelo conteúdo programático das cadeiras que lecionam.

37

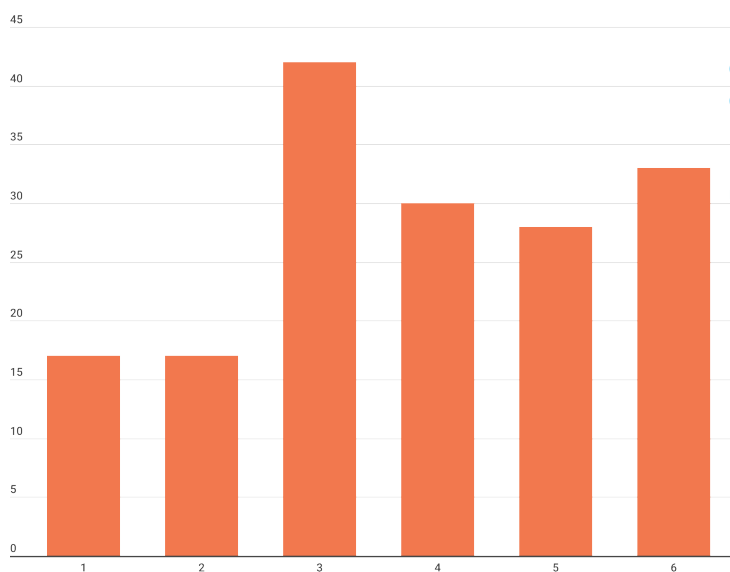


Figura 19 - Frequência (quantitativa) da abordagem de temas de orientação sexual e identidade de género não convencionais por parte das professoras e professores. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

É interessante verificar que, apesar das professoras e professores nos indicarem que abordam as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género nas suas aulas, apenas 25% das alunas e dos alunos referem que estas questões são abordadas de forma positiva, e 65% refere que são abordadas muito raramente. Isto pode ser indicativo de que, aquilo que o corpo docente considera uma frequência alta ou satisfatória, não é assim percecionada pelas/os estudantes.



ESTÁ A PAR DE RECURSOS (ORGANIZAÇÕES, PSICÓLOGOS, ETC.) QUE POSSAM DAR APOIO NESTAS SITUAÇÕES?

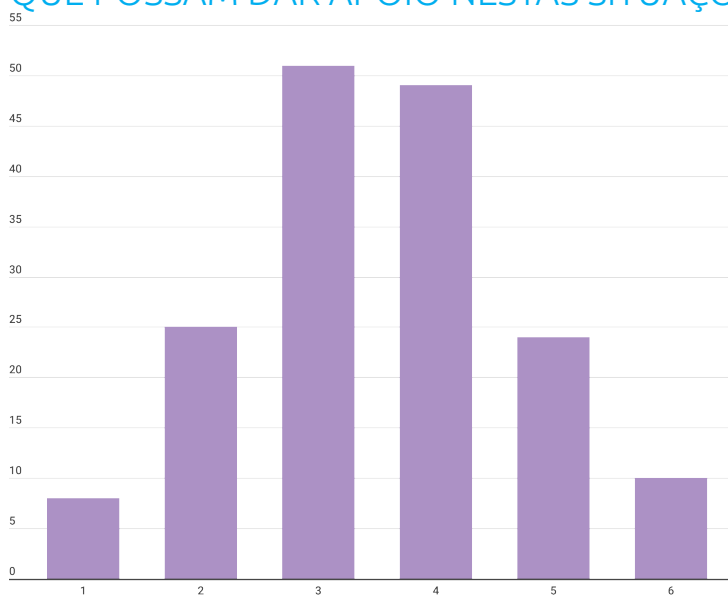


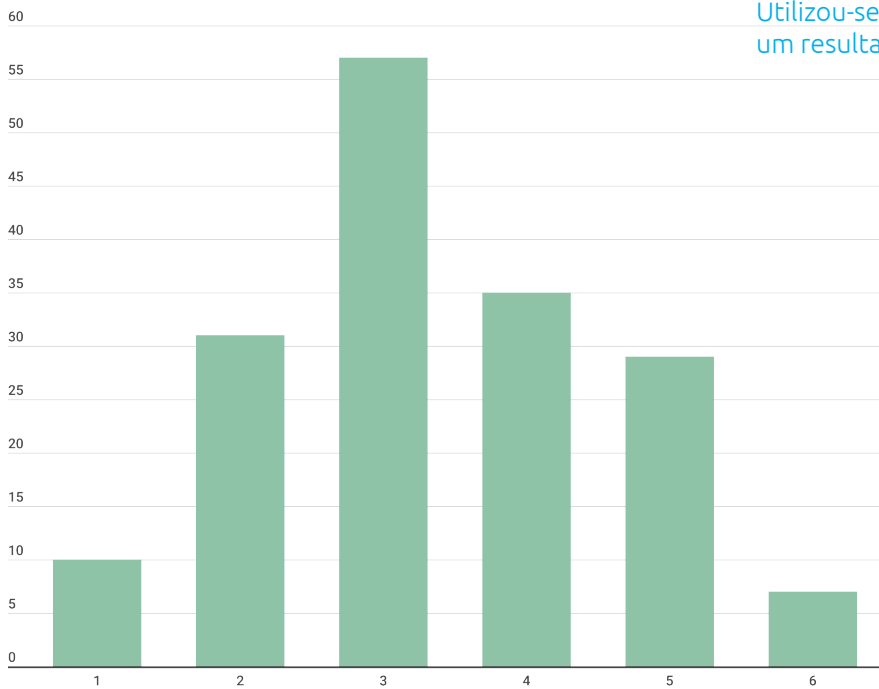
Figura 20 – Distribuição da autoavaliação das professoras e professores à questão: Sente-se capacitada/o para falar sobre estas temáticas. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.

Relativamente a esta questão os resultados são pouco conclusivos, havendo um equilíbrio em relação a quem considera estar a par dos recursos a que pode recorrer em situações de discriminação homofóbica, bifóbica e transfóbica e quem considera não estar a par dos mesmos recursos. Num futuro questionário de avaliação seria interessante também perceber que recursos são esses a que já recorrem, ou quais os recursos que sentem necessários para lidar com questões de homofobia, bifobia e transfobia em contexto escolar.

SENTE QUE O SISTEMA EDUCATIVO É INCLUSIVO NO QUE TOCA À DIVERSIDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÉNERO?

Como se pode verificar no gráfico da Figura 21, 57,9% das professoras e professores qualifica a capacidade inclusiva do sistema educativo atual como negativa, entre os quadrantes “1” e “3”. Esta constatação não surpreende, principalmente porque vem na sequência das evidências analisadas anteriormente, onde a discriminação é real e onde existe necessidade de formação e mais recursos no sentido de tornar a escola um espaço isento de homofobia, bifobia e transfobia.

Figura 21 – Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de Orientação Sexual e identidade de Género. Utilizou-se uma escala de 1 a 6, onde o 1 significa um resultado negativo e o 6 positivo.



CONSIDERA QUE AS SESSÕES DO PROJETO EDUCAÇÃO LGBTI AJUDAM A DIMINUIR ESTE TIPO DE SITUAÇÕES NAS ESCOLAS? ELABORA, POR FAVOR.

À pergunta se “As sessões do Projeto Educação LGBTI ajudam a diminuir situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género?”, todas as respostas são positivas, sendo que apenas uma se diferenciou ao referir que as situações podem não diminuir, mas “podem dar fruto a longo prazo pois deixam uma semente que poderá vir a germinar”. O corpo docente concorda que as questões da discriminação precisam de mudar e para isso é necessária “a mudança de mentalidades”, “desmistificação” e “diálogo”. Sendo “um tema que normalmente é tabu ou tende a ser utilizado de forma pejorativa”, a sensibilização e esclarecimento de “questões e situações vividas [...] ajuda/contribui para a formação enquanto cidadão”. A escola, nesta visão, não forma jovens apenas para trabalharem, mas também, de forma mais ampla, para a cidadania:

- O preconceito e consequentes situações de discriminação estão bastante enraizados na sociedade. As crianças adquirem-nos naturalmente por observação dos adultos. É necessário que elas percebam que este comportamento não é normal e é reprovável.
- O papel da escola e da família é fundamental e muito significativo para a mudança de mentalidade (mudar valores). Deveriam haver muito mais sessões de abordagem a esta temática.



A “informação é um instrumento de mudança”, e mesmo com o acesso à internet e outros meios de comunicação, a juventude “tem muita dificuldade em aceitar tudo o que seja diferente do comum, ou do que foi transmitido”. Deste modo, as professoras e professores realçam uma vez mais a importância destas sessões:

- Sim. Alunos mais informados tendem a ter comportamentos menos discriminatórios e a construir uma sociedade que integra todos independentemente das diferenças.
- Nem sempre os alunos estão informados; nem sempre querem reflectir ou confrontar-se com as suas próprias fragilidades.
- Sim. Os alunos pensam. Ajuda-os a reflectir e a libertarem-se.
- Qualquer acto de sensibilização, que acorde consciências e que confronte as pessoas com os seus medos é positiva.
- Coloca o tema em discussão e por vezes é mais fácil depois falar com os alunos.

40

Outro dado importante é a percepção que parte das alunas e alunos têm sobre os insultos, que muitas vezes ocorrem como se fossem “naturais” entre estudantes, menosprezando-se assim as consequências:

- Sim porque muitas vezes os alunos não têm consciência de que estão a ofender as pessoas e quando são repreendidos afirmam que estavam só a brincar.
- Acho que sim, sem dúvida. Por vezes os alunos insultam-se sem terem a noção das consequências do que dizem na vida dos seus colegas.
- Claramente, mas ainda há muito preconceito mesmo entre os mais jovens que insultam por insultar.

Por fim, transcrevem-se comentários específicos sobre o método da sessão, como foi conduzida, sobre os oradores e a qualidade do trabalho realizado:

- Sim. Da forma como decorreu foi bastante ilustrativa promotora do diálogo e discussão positiva.
- Sim. Esclarece os participantes sobre questões, para além dos “formadores” utilizarem linguagem e metodologias pró-ativas.
- Penso que sim pela divulgação e educação para a aceitação da diferença. Mais importante, ainda, promovidas/orientadas por homossexuais.
- Sem dúvida. Ainda há alguns preconceitos a serem desmistificados. Um esclarecimento baseado em informações credíveis e em testemunhos reais é imprescindível.
- Sim, sem dúvida. As vossas intervenções são mais esclarecedoras e mais credíveis que as de um professor.

Estes testemunhos refletem positivamente a utilização da metodologia não-formal nas sessões do Projeto Educação LGBTI, onde de jovens para jovens, se conversa abertamente e sem tabus sobre questões de orientação sexual, identidade e expressão de género. Todas as sessões cerca de um terço do tempo da sessão é dedicado a responder às questões anónimas das alunas e alunos, o que ajuda a responder a questões reais, sem medo de exposição por vergonha. De salientar também que a maioria das voluntárias e voluntários do Projeto Educação da rede ex aequo identificam-se como LGBTI, o que ajuda a trazer exemplos reais sobre casos de discriminação e não só, o que facilita a empatia para com estas pessoas, aumentando também a visibilidade das mesmas.

CONCLUSÕES

O presente relatório demonstra que as sessões do Projeto Educação LGBTI da rede ex aequo são bem recebidas tanto por estudantes como professoras e professores, demarcando a importância da juventude LGBTI ser reconhecida em ambiente escolar com as suas especificidades: a exclusão social; a falta de abertura no ambiente familiar e escolar para falar sobre as suas orientações sexuais, identidades e expressões de género; e a falta de apoio pedagógico e psicológico em situações de bullying e violência.

41

Abordar as situações de violência contra a juventude LGBTI vem da necessidade que essa população tem de se tornar visível na sociedade, de ter apoio em situações de agressão e de ter suporte para poderem ser e viver livremente. Tal abordagem foi entendida nas respostas como importante e necessária, nomeadamente quando muitas alunas e alunos referiram que estas questões não são abordadas na escola nem na família. 85% das alunas e alunos considera importante abordar estas temáticas, ainda que apenas 47% confirme que estes temas são abordados na família de forma natural. Apenas 25% refere que os temas são abordados na escola positivamente e 75% refere que estes não são abordados ou são raramente abordados ou ainda abordados apenas de uma forma negativa.

Em relação à discriminação, este relatório ajuda-nos a comprovar o meio escolar como palco da homofobia, bifobia e transfobia, com uma maior perceção dessa discriminação por parte das professoras e professores. Para além da visão de que as pessoas LGBTI são “iguais”, “normais”, comuns, é necessário o esforço de entender e agir no sentido de acabar com formas de desigualdades de tratamento a partir da diversidade de sexo, género e orientações sexuais. A descriminalização da homossexualidade em Portugal em 1982, a despatologização da mesma pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990 e a auto-determinação das identidades trans em 2018, são conquistas que não eliminaram a continuidade de discriminações. Estas medidas não foram suficientes para que o ambiente escolar seja um espaço seguro para identidades e orientações sexuais não normativas, ou seja, aqueles que não se enquadram no modelo cisgénero e heterossexual. Daí que seja necessário intervir ativamente no meio escolar, junto da juventude, mas também do corpo docente e outros profissionais.



Apesar de apenas 31% das/os jovens terem assistido a atos de discriminação LGBTI, 58% das professoras e professores referiram já ter assistido a situações de homofobia, bifobia e transfobia. Isso pode indicar que o corpo discente não entende como uma situação pode configurar uma forma de violência. Atos como o gozo e brincadeiras (mesmo entre amigos heterossexuais) são facilmente desvalorizados e desqualificados como formas de perpetuar violência. Esta violência pode acontecer de uma forma direta ou indireta. Na dimensão indireta, falamos da veiculação e reinserção de estigmas e preconceitos sobre pessoas LGBTI de uma forma socialmente aceite. Por exemplo: chamar alguém de “paneleiro” para inferiorizar o colega, mesmo que sob o tom de brincadeira. É sobre esse tipo de insulto que nosso trabalho incide e é com este trabalho que é possível a compreensão da dimensão desses atos num ambiente escolar.

42

As mudanças não vêm sozinhas, por isso faz-nos sentido consciencializar a juventude para a intervenção direta no combate à homofobia, bifobia e transfobia. Na pergunta sobre o incentivo à luta pelos direitos das pessoas LGBTI, 24% respondeu que não sente motivação para isso, o que demonstra que muitas/os jovens admitem que não se comprometerão a contribuir para uma maior aceitação, respeito e reconhecimento das pessoas LGBTI. A escola deve ter um papel ativo na formação para a cidadania, onde se pretende que as pessoas se sintam à vontade para expressar as suas identidades e desejos. Dessa forma, a dimensão relacional que é falada na escola é sobre o respeito mútuo. É sobre impedir discriminações e apoiar mudanças institucionais para que pessoas LGBTI, nesse nosso caso específico, não sofram violações de direitos humanos quanto à sua integridade física e psicológica.

Há também uma grande dificuldade em entender quem são pessoas trans e pessoas intersexo. O enfoque na divisão heterossexuais/homossexuais apaga outras possibilidades de identidades de género que não apenas o binarismo homem/mulher. Isso dificulta o entendimento de que as pessoas cisgénero também têm um género e que, por isso, passaram por um processo de identificação de acordo com as categorias “homem” e “mulher”. O problema não reside na existência de um pensamento que entenda que é natural ser-se homem ou mulher, mas sim que esse pensamento seja considerado universal e que seja aplicado a todas/os. Desta forma, a dificuldade em compreender o “T” e o “I” está ligada a essas normas sociais que restringem as possibilidades de identificação e que criam barreiras à realização dos seus objetivos pessoais e à sua saúde mental e física.

A metodologia das sessões do Projeto Educação LGBTI, com a educação não-formal, é bastante elogiada por docentes e discentes. Esta metodologia permite que as/os jovens se sintam à vontade, num ambiente entre pares, onde podem conversar sobre os acontecimentos na escola, as suas opiniões e as suas visões sobre a diversidade sexual e de género. As oradoras e oradores do projeto cumprem o papel de criar essa abertura e trazem, também, experiências próprias sobre como é ser-se LGBTI na sociedade portuguesa. Nas sessões em que esta partilha ocorre, além das/os estudantes conhecerem relatos reais de pessoas LGBTI, as narrativas ajudam a criar empatia, nomeadamente quando são partilhados casos de bullying.

As mudanças, como os próprios docentes apontaram, não serão apenas a partir dos alunos e alunas. Uma transformação integral para a escola passa por todos os presentes. Como já apontado neste relatório, o Projeto Educação LGBTI tem assumido a tarefa de também dialogar com professores. 54,5% dos docentes indicaram a necessidade de formação específica, manifestaram dificuldade em agir em situações de bullying e alguns afirmaram que é necessária a mudança a partir do diálogo.

Outro ponto muito importante e que afeta positivamente todos os dados e, conseqüentemente, os resultados, é que a maior parte das respostas foram de alunas/os e professoras/es das grandes cidades e centros urbanos em Portugal. Tendo em consideração que boa parte do país nunca realizou uma destas sessões, três pontos são relevantes referir: muitas escolas no interior não querem ou não sabem ainda da possibilidade das sessões; jovens LGBTI podem estar sem qualquer recurso institucional para serem apoiadas/os; e muitas professoras e professores podem estar com pouca preparação para as diversas formas de apoio, seja com a temática em sala de aula, seja com situações de bullying.

43

Em suma, o papel das sessões deste projeto é maior do que um diálogo durante um pequeno período de tempo. A ida às escolas ativa a possibilidade de se falar sobre o assunto, ouvir as próprias alunas e alunos, conversar com professoras e professores, abrir a oportunidade das/os jovens LGBTI terem referências positivas de outras/os jovens LGBTI e entenderem que não são anormais. Entendemos ser imprescindível a continuidade do Projeto Educação LGBTI e sua expansão para atingir mais escolas e todas e todos aqueles que ainda estigmatizam identidades sexuais não normativas. Para além da continuidade dos trabalhos com alunos e alunas do ensino secundário, esperamos também mais contato com estudantes do ensino primário e com professoras e professores.

Quanto mais as escolas convidam o projeto, maior a possibilidade de logarmos, nesse esforço conjunto com o Estado e a sociedade, o papel ético e político da erradicação da homofobia, bifobia e transfobia.



GLOSSÁRIO

Bissexual - Pessoa que se atrai por dois ou mais gêneros.

Características sexuais - Referentes à biologia sexual das pessoas e as características que daí advêm. Mais especificamente as características sexuais primárias e secundárias, entre elas os cromossomas sexuais, os órgãos genitais, as gónadas, os níveis hormonais, desenvolvimento de tecido mamário e a pilosidade.

Expressão de género - É a forma como alguém se apresenta; incluindo o vestuário, os maneirismos, os acessórios, os penteados, entre outros. Pode ou não corresponder ao esperado da sua identidade de género.

Gay - Pessoa do género masculino que se atrai por pessoas do mesmo género. Alternativamente, pode ser usado também como sinónimo de “homossexual”, podendo designar pessoas gays e lésbicas.

Género - É uma construção social decorrente do contexto histórico e cultural. Engloba os conceitos de identidade e expressão de género, usualmente numa perspectiva binária em que existem dois conjuntos de características, comportamentos, entre outros, que são exclusivos de cada conjunto e opostos na sua essência, comumente associados à biologia das pessoas.

Heterossexual - Pessoa que se atrai por pessoas de um género diferente do seu, usualmente considerado o género “oposto”.

Homossexual - Pessoa que se atrai por pessoas do mesmo género que o seu.

Identidade de género - A profunda experiência de género interna e individual que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença, incluindo a sensação pessoal corporal (que pode envolver, se livremente escolhido, modificações corporais à aparência ou função corporal através de meios médicos, cirúrgicos, entre outros), e outras expressões de género, incluindo a maneira de vestir, a fala e os maneirismos.

Intersexo - Pessoa cuja biologia sexual varia dos padrões definidos para homem e mulher. Estas variações podem acontecer a vários níveis (dos cromossomas, órgãos genitais, gónadas, hormonas, entre outros) e podem ser detectadas à nascença, no decorrer da puberdade ou mais tarde ainda, podendo mesmo nunca chegar a ser detectadas. Estima-se que 1,7% das pessoas sejam intersexo, estatística proveniente dos estudos de Anne Fausto-Sterling e usada pela ONU.

Lésbica - Pessoa do género feminino que se atrai por pessoas do mesmo género.

LGBTI - Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo. É importante realçar que apesar de existirem muitas mais identidades e orientações sexuais, esta sigla é a mais actualmente aceite e reconhecida, em vez de outras como LGBT, LGBTI+ e LGBTQIA+, sendo utilizada a nível legal e pela sociedade civil LGBTI.

Nome social - Designação dada ao nome que as pessoas trans usam quando este não corresponde ao seu nome legal que consta nos documentos de identificação.

Orientação sexual - Capacidade de cada pessoa de desenvolver uma profunda atração sexual, emocional e afetiva, e relações sexuais e íntimas com pessoas de género diferente e/ou igual ao seu.

Papéis de género - Conjunto de regras que uma sociedade define para o género masculino ou feminino. Tais regras são mutáveis e dependentes do contexto histórico, cultural e social.

Trans - Termo guarda-chuva para designar pessoas que não se identificam com o género atribuído à nascença, que podem querer ou não fazer modificações corporais para se sentirem melhor consigo mesmas e com sua identificação. Tal termo incorpora identidades trans que como no caso de pessoas que se designam como “homens trans”, “mulheres trans” e também identidades que não se enquadram no binário masculino/feminino, como pessoas não-binárias. Anteriormente, eram habitualmente usados os termos “transexual” e “transgénero”, contudo estes têm caído em desuso, sendo o termo “trans” o mais usado e aceite.

Transição social de género - Processo de uma pessoa trans se passar a apresentar socialmente (verbalmente, fisicamente, etc.) de acordo com a sua identidade de género.



ANEXOS

Projeto Educação LGBTI

Formulário de Avaliação – Alunas/os



associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes
rede ex aequo

INFORMAÇÃO GERAL

Idade	
Género	
Escola	
Ano escolar	

1. Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?

- Sim
 Não
 Talvez, mas não tenho a certeza

2. Como reagirias se a/o tua/teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?

- Acabava com a amizade
 Continuávamos amigas/os mas a nossa relação mudava
 Continuávamos melhores amigas/os

3. A orientação sexual e identidade de género são temas abordados na tua família?

- Sim, de forma natural
 Sim, mas é desconfortável
 Não, não falamos disso

4. A sessão motivou-te a lutar contra a homofobia, bifobia e transfobia?

- Sim Não

5. Qual é a tua opinião sobre as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo depois desta sessão?

6. Costumas assistir a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual ou identidade de género?

- Sim Não

6.1 Se sim, quando e o que aconteceu?

7. Achas que é importante falar sobre estas questões na escola (como nesta sessão) para diminuir este tipo de situações?

- Acho importante
 Nunca pensei sobre isso
 Sou contra

Outra: _____

8. Estas questões são abordadas na escola?

Nunca
 Muito raramente
 Sim, mas de forma negativa
 Sim, e de forma positiva

8.1 Se sim, quando e em que contexto aconteceu?

9. Se quiseres, deixa um comentário sobre a sessão.



Anexo II - Formulário de Avaliação – Professoras/es

Projeto Educação LGBTI Formulário de Avaliação – Docentes



Associação de Jovens Lésbicas e Gays
rede ex aequo

Idade	
Género	
Escola	

1. Como tomou conhecimento do Projeto Educação LGBTI?

2. Houve críticas ou resistência de colegas, conselho executivo ou mães/pais acerca da sessão do Projeto Educação LGBTI? Especifique, por favor.

3. A sessão do Projeto Educação LGBTI foi pedida decorrente de alguma situação em particular que tenha ocorrido na escola e que necessitasse de intervenção? Sim Não

4. Costuma assistir a situações de discriminação, agressão, gozo ou bullying com base na orientação sexual ou identidade de género? Sim Não

5. Acha que as sessões do Projeto Educação LGBTI ajudam a diminuir este tipo de situações nas escolas? Elabore, por favor.

Para o efeito a escala utilizada situa-se entre 1 e 6, sendo 1 o valor mais negativo e 6 o mais positivo.

	1	2	3	4	5	6
Abordo estas temáticas no decorrer das minhas aulas						
Sinto-me capacitada/o para falar sobre estas temáticas						
Sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões						
Sei reagir a casos de bullying homobitransfóbicos						
Estou a par de recursos (organizações, psicólogos, etc.) que possam dar apoio nestas situações						
Sinto que o sistema educativo é inclusivo na que toca à diversidade de orientação sexual e identidade de género						

